

EDITORIAL

Contornos da comunicação (C) e da competência comunicativa

Definir comunicação é tarefa nada fácil. O conceito pode ser tratado de várias perspectivas e em tradições científicas distintas. No âmbito da Aquisição e Ensino de Línguas(AELin), para dificultar ainda mais nossa apreensão do termo, autores, professores, autores de materiais e profissionais da mídia têm abusado do termo.

O termo nos remete primeiro a “comum ação” entre pessoas colocadas social interativo, a ação (linguajeira) entre pessoas para obter sentidos numa rede de significados conjuntamente construída por atores sociais. Mas a C é flagrantemente multifuncional. Por exemplo, ao entrar no processo comunicativo, o falante ou escrevente pode estar querendo informar, socializar, apresentar-se e apresentar alguém, construir conhecimentos e realidade através da produção de um texto, mostrar poder, manobrar pessoas e mil outros atos comunicacionais, todos embutidos no fluxo discursivo. Essas funções são culturalmente organizadas. A C é também multimodal: pode ocorrer no meio oral, escrito ou nas suas hibridações nas quais a fala e a escrita podem ser ainda oralizadas ou letramentadas. Define-se ainda a veiculação da comunicação como multicanal: verbal com paralinguagem, gestual com verbalização, silenciosa carregada de sentidos.

Todos os participantes comunicantes estão de alguma forma ocupados com a construção de sentidos nos contextos em que se encontram. A construção da comunicação busca sempre tipificar essa ação em gêneros ou modos organizatórios específicos.

Muitos autores temem usar a palavra C porque pode ser interpretada teoricamente por seus leitores e interlocutores como o envio unilateral de informação, como o dizer algo a alguém, como ordenar algo a alguém. Temem ser tomados como aderidos a uma posição objetivista, unitarista de sujeito esvaziado de subjetividade em processo de construção do discurso situado e ideologizado. Esses medos, contudo, são oriundos de áreas tangentes da Aquisição e Ensino de Línguas como a Linguística geral ou quaisquer de suas especialidades como a Análise do Discurso. Outra tangenciação com grande

apelo popular, ainda que limitante dos sentidos compostos, é a de C como operação midiática intra ou inter instituições.

Ignorando esses últimos excessos, comunicação permanece uma palavra carregada de possibilidades, muitas delas cruciais para o estudo dos processos de aprender e ensinar línguas. O termo tem potencial e histórico evolutivo importante em outras áreas acadêmicas como a filosofia, por exemplo. Para a área de AELin, podemos arriscar definir C como o ato linguajeiro manifesto ou silente, explicitante ou implicado, ato multifuncional, multimodal e multicanal contínuo de tecer sentidos através da interação social com a finalidade de, entre outras coisas, informar, indagar, apresentar-se ou apresentar pessoas, de mostrar ou construir identidades, de manifestar poder, de estabelecer bases de acordos, de conhecer e representar o mundo.

Através da comunicação pode-se aprender melhor, ou adquirir uma língua e novas línguas que se apresentem como necessárias ou do desejo dos linguajantes, quando nos colocamos no lugar sincero de vir a falar e/ou escrever uma nova língua, visamos desenvolver, no fundo, uma capacidade de uso adequado desse novo idioma. No contato social com uma língua, primeira ou subsequentes, desenvolvemos, sob condições favoráveis, uma competência comunicativa. Parte desse termo-chave para a contemporaneidade da área de AELin, é COMUNICATIVA, sentidos compostos que tivemos a ilusão de apreender na parte inicial deste texto. A outra parte é COMPETÊNCIA e essa porção substantiva não possui carga monossêmica. Ela engloba pelo menos três componentes amalgamados: (1) conhecimentos sobre a língua e sobre comunicação, eventualmente com consciência desses elementos, (2) capacidade de tomada de decisões e ações concatenadas orientadas pela base de conhecimentos de que o falante dispuser, e (3) uma adjetivação qualificadora, uma postura assumida do falante perante o que se sabe e o que se faz (diz). CC é, pois, um saber fazer linguagem comunicacional (acional da comunicação) balizado pelos contextos cambiantes da realidade e possível por graça de uma sub-competência linguística, manipuladora do sistema da língua.

Nesta coletânea realizada em paralelo com estudos sobre CC realizados em nosso centro de pesquisa aplicada na UnB no ano de 2009, revisitamos o texto seminal de Dell Hymes numa tradução ainda incompleta de excertos de um artigo publicado em 1971 a partir de uma conferência sobre a linguagem de

crianças com necessidades especiais realizada nesse ano por esse autor misto de linguista, antropólogo e folclorista. Três outros artigos abordam o percurso histórico do conceito (o de Souto Franco e Almeida Filho), a análise da CC de um professor real flagrado na sua sala de aula de LE numa escola (o de Zocaratto et ali) e o espectro de competências comunicativas incompletas propiciadas por um curso de língua (Espanhol língua estrangeira) na modalidade AD(o de Gomez Nagamine e Teixoto Braga). Os estudos sobre CC são ainda raros no Brasil e pouco explícitos mesmo em países com uma agenda rica de pesquisa aplicada no âmbito da linguagem. Oxalá, nosso entusiasmo e teoria ainda incipiente contaminem outras almas e se façam pesquisas que nos ajudem a planejar o desenvolvimento de CC, que nos incitem a produzir materiais que favoreçam a emergência da comunicação na nova língua-alvo, que nos indiquem pistas sobre como produzir aulas plenas de comunicação para a aquisição e, por fim, que nos inspirem a avaliar o poder de comunicação confiante dos aprendentes comparativamente a descritores de níveis relevantes de poder comunicacional exibido por nossos alunos.

Agenda estimulante e tão rica, a CC guarda um futuro promissor para a área de AELin e da Linguística Aplicada. A pedra está rolando neste número da Desempenho.

José Carlos P. Almeida Filho
Organizador Especial Convidado